

ANTIDISCIPLINA: Gravidez na adolescência Uberlândia século XXI

Carla Denari Giuliani¹
Vera Lúcia Puga²

RESUMO

Quando pensamos no nosso objeto de estudo: o ato de engravidar das adolescentes no século XXI, depois da revolução da pílula e do nascimento do feminismo, torna-se claro o contrapoder exercido por elas quando se opõem às políticas públicas e ao modelo estabelecido pela sociedade contemporânea, que traduz a gravidez na adolescência como um problema e ou erro. Esse estudo foi desenvolvido a partir de fontes escritas e orais obtidas com entrevistas às gestantes adolescentes inseridas em uma instituição filantrópica, denominada de “Lar de Veneranda”, localizada na cidade de Uberlândia MG, juntamente com outras falas também de adolescentes estimulada por uma comunidade do *Orkut*. Observamos que apesar do pensamento “hegemônico”, de erro ou problema traduzido pela mídia, pelos programas de saúde, pelo próprio ensinamento médico, e pelo mundo contemporâneo, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores.

Palavra-chave: Gravidez; adolescência; prevenção.

ANTIDISCIPLINA: Pregnancy in adolescence Uberlândia XXI century

ABSTRACT

When we think in our object of study: the act of pregnant adolescents in the twenty-first century, after the revolution of the pill and the birth of feminism, it is clear the counter-power exercised by them as opposed to public policy and the model established by contemporary society, which reflects the adolescent pregnancy as a problem, or error. This study was developed from written sources and oral interviews with the women obtained adolescents included in a philanthropic institution, called "Home of Veneranda", located in Uberlândia MG, along with other lines of adolescents also stimulated by a community of Orkut. We observed that although the thought "hegemonic", error or problem reflected by the media, the health programs, by the teaching physician, and the contemporary world, people resist and rewrite new judgments of values.

KEYWORD: Pregnancy, adolescence, prevention.

Diante da negatividade de se engravidar enquanto adolescente na sociedade Brasileira. Tendo em vista que as políticas públicas visam prevenir a gravidez na adolescência,

¹ Professora mestre da Universidade Federal de Uberlândia do Departamento de Enfermagem, aluna de Pós-Graduação em nível de Doutorado no Programa em História linha de pesquisa História e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação da professora Dra Vera Lúcia Puga.

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil (1998), professora associado II da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil, pesquisadora NEGUEM e editora da revista Caderno Espaço Feminino.

não apresenta respostas de eficiência, gerando um ciclo crescente indecência. Noto que a gravidez na adolescência pode constituir uma forma de poder e ou resistência contra os ideários estabelecidos tanto da sociedade do século XXI, quanto das políticas públicas em relação à maternidade na adolescência. Assim início este trabalho recuperando Foucault³(1979) em *Microfísica do Poder*, para pensar como o poder penetra e é exercido por todas as classes sociais, sendo todos os governantes e os governados, hora sujeito, hora objeto desse poder. Segundo Foucault 3 (1979) o poder circula por todos lugares. O poder não é uma coisa, algo que se toma ou se dá, se ganha ou se perde. É uma relação de forças. Circula em rede e perpassa por todos os indivíduos. Neste sentido não existe o "fora" do poder. Trata-se de um jogo de forças, de luta transversais presentes em toda sociedade. Pensar meu objeto de estudo a gravidez em adolescentes no século XXI, depois da revolução da pílula, do nascimento do feminismo, analiso o poder exercido pelas adolescentes, quando elas se opõem as políticas públicas, e ao modelo de “vida a dois” estabelecidos pela sociedade contemporânea que traduz a gravidez na adolescência como um problema e ou erro. A sociedade contemporânea e as políticas públicas impõem o “certo” ou “verdadeiro” como algo “hegemônico” e imutável, mas se esquecem que o poder é circular.

Retomando Foucault novamente analiso que as pessoas esquecem-se de que política está presente em qualquer relação social é que esta implica relação de poder consciente ou inconscientemente. Desta forma toda atitude e toda a ação é política, sendo o ato de engravidar na adolescência um ato político e de poder. Poder este que não se estabelece só nas mãos dos considerados grandes homens, mas também da população, de modo geral também nas adolescentes.

Isto se torna muito claro quando recorro às minhas fontes (entrevistas) e elas infelizmente ou felizmente não dizem o que realmente queríamos ouvir. Neste momento debruço-me para entender o sentido do discurso “resistência” perante a sociedade. As falas a seguir mostram resistência, e são vistas aos olhos do mundo contemporâneo exercendo seu poder. Poder este que é circular segundo Foucault e está presente nas relações do que governo, quanto do que são governados. Assim apesar do discurso “hegemônico” escrito ou falado disseminada pela mídia, pelos programas de saúde, pelo próprio ensinamento médico, e pelo mundo contemporâneo que considera problema e ou erro a de gravidez na adolescência, as pessoas resistem e reescrevem novos juízos de valores.

³ MICHEI Foucault. **Microfísica do Poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Assim Violeta 2⁴ descreve como ela vê a gravidez na adolescência nos dias hoje:

(...) Eu vejo gravidez na adolescência como uma conquista, porque tem mulheres que são loucas pra ter filho e não conseguem, então por esse lado eu vejo como uma conquista, mas por outro é muita responsabilidade, nossa, eu quando a gente pensa assim: estou grávida, penso em como é que eu vou fazer pra criar meu filho, como é que eu vou fazer pra dar o leite dele todo dia, é muita responsabilidade, é muita coisa que a gente tem que pensar ao mesmo tempo, então é nisso aí que a gente tem que controlar, porque senão acaba ficando doído né, mas por um lado é bom ter filho, porque a gente cria responsabilidade, deixa de ser aquela molequinha que só quer saber de festa e é isso. (SIC)

JB⁵ descreve como é para ela ser mãe na adolescência:

(...) Meu nome é J B, e eu estou usando o *orkut* de um primo meu, porque não participo desse site de relacionamentos, mas desde que me encontrei grávida, meu mundo gira em torno desse assunto, então vim procurar informações aqui, como procuro em todos os lugares. Eu acho que é muito fácil dizer "não" à gravidez na adolescência, quando não é você quem está grávida. Eu tenho 17 anos e estou no 4º mês de gestação. Meu filho é a razão do meu viver, e eu me sinto completamente madura e preparada. Acho que maturidade, não está diretamente ligada com a quantidade de anos vividos, mas sim a intensidade com que esses anos foram vividos. O pai do bebê é o amor da minha vida, meus pais e meus amigos nos apóiam e estão tão felizes e radiantes quanto nós dois por nosso filho. Quanto ao futuro, meu filho nunca foi visto como um obstáculo. Esse ano vai entrar na faculdade, como faria se não estivesse grávida, porque estou grávida, e não doente. Não estou impossibilitada de fazer nada do que fazia antes, porque nunca fui uma garota baladeira e mesmo se fosse, deixaria de ser com prazer pelo meu filho. Porque não há maior prazer no mundo do que sentir o fruto de um amor sincero se mexendo dentro de você e sentir aquele cheirinho de bebê já agarrado em todas as suas coisas. Eu também sinto muito pelas adolescentes que não tem a sorte que eu tive, ou que não encaram um filho como uma bênção, mas como um carma. Mas todas que fizeram, fizeram sabendo o que estavam fazendo e por isso devem assumir sim! Não importa a circunstância. Não sou a favor do aborto nem em caso de estupro nesse caso, acho que a entrega à adoção seria a melhor solução caso a mãe rejeitasse, porque abortar, é matar e só Deus tem o direito de tirar a vida de alguém, porque foi ele quem nos deu a vida. Como já disse, não tenho *orkut*, mas caso alguém queira discordar de minhas palavras, ou apoiá-las.(SIC)

G⁶ Também coloca sua posição em relação à gravidez na adolescência:

(...) Fiquei grávida porque quis, jah tinha perdido um com o mesmo namorado claro, e não fiquei nada feliz pq sempre foi uma gravidez super desejada.. SEMPRE QUIS SER MÃE CEDO! Eu tomava remédio, fiquei sem por um mês e engravidei, foi minha maior felicidade apesar de não ser com a idade que todos falam que tem que ser.... Bom medo de pegar doença eu não tive, que foi tbm um erro meu, mais namorava jah há um ano e pouco

⁴ Entrevista concedida por violeta2 (nome fictício), no Lar de “Veneranda” uma instituição filantrópica localizada na cidade Uberlândia. Tal instituição desenvolve várias atividades, dentre elas oferece cursos ocupacionais para gestantes, palestras além de ser campo de estágio para alunos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia.

⁵ Entrevista concedida por JB (nome fictício), concedida 29 janeiro de 2007 no site de relacionamento *Orkut* dentro de um fórum chamado o que você acha dessas meninas que engravidam cedo?

⁶ [□] Entrevista concedida por G (nome fictício), em 10 fevereiro de 2008 no site de relacionamento *Orkut* dentro de um fórum Por que não usaram....

quando engravidei, então jah tinha uma certa confiança e tal, mais graças a deus estou aqui pra ganhar minha maior felicidade que é minha filha...Não me arrependo em nenhum momento de ter ficado grávida apesar de ter só 18 anos, mais acho que jah sou capaz de ser mãe! Bom é isso. Beijos;(SIC)

Após análise desta falas, percebemos que a dominação não é algo que se insere de cima para baixo, não é com Políticas Públicas que não abarcam a diversidade socioeconômicas e culturais é que iremos entender do ser humano e por conseguintes as redes de poder. Recobrando Certeau⁷ (1996, p. 38) em sua fala “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, percebo que as pessoas rearranjam certos elementos dentro de um quadro geral de ordem e dominação. Trata-se de uma quebra dessa lógica dominante não só do saber médico mais também do saber institucionalizado, nos hospitais, escolas e sociedade.

A vida segundo o autor e as adolescentes parecem se reapropriar das falas dos profissionais de saúde, governos Federais, Estadual e Municipais que implementam as políticas públicas para reescrever o contato com outro (interlocutor) numa rede de lugares e relações. O que Certeau denomina de astúcia, ou seja:

“Mais urgente ainda e descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a essa vigilância: que procedimentos populares jogam com mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não se altera-los. Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção-cultural. Estas astúcias compõem a rede de uma interdisciplinaridade”. Certeau (1996, p.41

Ampliar a voz destas adolescentes que apresentam sua palavra ignorada ou minimizada é entender o sentido do uso dessas estratégias e táticas para burlarem o sistema previamente instaurado pela sociedade contemporânea. Entendo que escapar da regra de dominância é para elas um ato heróico, revertendo às relações de poder, tentando ter o domínio de si próprios.

Para Perrot⁸ (1998, p 59) devemos atribuir importância aos “dispositivos” e à visibilidade do espaço, aos jogos de poder infiltrados nos mínimos arranjos do cotidiano. Temos que apreender poder infiltrados nos mínimos arranjos do cotidiano entre o discurso do pensamento “hegemônico” da sociedade contemporânea, que traduz a gravidez na adolescência como um problema ou erro, tendo que ser prevenido a todo custo, através das políticas públicas e cartilhas do Ministério da Saúde e as falas das adolescentes se opondo a estes ideários. Assim analiso que a voz das adolescentes que desejam a gravidez na adolescência não pode ser abafada, e sim entendida para que possamos evoluir na

⁷ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2^a.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

⁸ PERROT, Michelle. **Mil maneiras de caçar**. Projeto História, n.17, São Paulo, Educ, nov.1998, p55-61.

compreensão do sentido que isto tem no século XXI. O que temos é um grande problema para sociedade e não para elas (adolescentes) segundo suas falas.

Assim o diálogo destas adolescentes grávidas tem um som, tem uma vivência tem historicidade, ou seja, têm um sentido para história. Sentido este que está entrelaçada dentro da dialética, do diálogo social, da disputa de poder, de uma época.

Michelle Perrot (1998)⁹ em umas de suas falas expõem “nunca um sistema disciplinar chega a triunfar”. Avalio que sociedade é pluralista que ela se apropria do conceito, recria, reelabora, outros conceitos é esta reelaboração acontece a partir das estratégias e táticas jogo de poderes que essas meninas utilizam para burlar o saber institucionalizado. As contradições políticas perante a história frente à gravidez na adolescência e devem ser entendidas dentro do curso de tempo histórico.

Assim será que é necessário formalizar a educação no sentido de dar aos adolescentes o “peso” da responsabilidade de criar filhos ou, nós que criamos um modelo, ou paradigmas de que os adolescentes não têm capacidade de se conduzir, nem autogerir outra pessoa, que esse momento é exclusivo para curtir a vida, sem nenhuma carga. Assim, ao se falar em gravidez na adolescência, e do conceito de problema que se instaura na contemporaneidade é falar do que está intrínseco em cada ser humanas a cultura e a educação como alavanca para fazer ou não o que se quer. A construção da cultura e ou educação se dá a partir das representações da realidade de cada adolescente frente maternidade. Assim as políticas públicas de prevenção atualmente existentes deveriam se ater em compreender melhor o processo histórico e as representações dessas adolescentes frente a essa maternidade, seus embates, e seus jogos de poder, fazendo a valorização da cultura, educação e, por conseguinte do ser Humano e da Sociedade.

BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2^a.Ed. Petrópolis: Vozes, 1996. pg 38- 41.

MICHEL Foucult. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de janeiro: Graal, 1979.

PERROT, Michelle. **Mil maneiras de caçar**. Projeto História, n.17, São Paulo, Educ, nov.1998, p55-61.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. In: __. Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire D’ Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007, p9-22.

⁹ Idem anterior.